

Broadcast

14:12 GARCIA: BC PODE MANTER RITMO DE CORTE, SE INFLAÇÃO SEGUIR EM BAIXA

São Paulo - Caso o bom comportamento da inflação seja mantido nos próximos meses, o Banco Central terá

condições de seguir o ritmo de cortes de juros em 1,5 ponto porcentual nas reuniões do Copom em abril e junho,

o que levaria a Selic para 8,25% ao final deste semestre, opina o professor da PUC-RJ Márcio Garcia. De acordo

com a pesquisa Focus, as expectativas relativas ao IPCA para este ano baixaram de 4,52% para 4,42%, patamar

abaixo da meta, o que não ocorria desde maio de 2008. As projeções para o índice 12 meses à frente recuaram

de 4,34% para 4,26%.

"Se a inflação continuar a apresentar bons números, há a possibilidade para que a taxa real dos juros fique ao

redor de 4%, o que não será nada extraordinário em comparação ao que é registrado no mundo hoje", comentou

Garcia. Nos EUA, Japão e Inglaterra, as taxas de juros descontadas a inflação são negativas. Como os

respectivos bancos centrais dessas nações não podem mais baixar os juros nominais pois estão próximos de

zero, seus governos agora partiram para medidas menos comuns, como a pura injeção monetária na economia a

fim de prover liquidez aos setores financeiro e empresarial.

Para Garcia, alguns elementos podem explicar por que a inflação está perdendo vigor atualmente. Um deles é

que, com o passar do tempo, há chances menores de ocorrer o repasse ao IPCA da desvalorização do real ante

o dólar registrada entre outubro e dezembro de 2008. Na avaliação de muitos economistas, eventuais impactos

nos índices de preços causados por depreciações cambiais são registrados em até dois trimestres. Como a

recessão mundial provocou uma retração vigorosa dos preços internacionais das commodities, esse fato reduziu

o potencial de alta dos IGPs e IPCs no Brasil. "Outro fator importante é o enfraquecimento do nível de atividade

no País, pois a demanda agregada em baixa torna muito difícil que os preços das mercadorias subam",

comentou.

Após o PIB do País ter apresentado uma retração de 3,6% no quarto trimestre na margem, Garcia pondera que o

resultado do indicador ante janeiro e março sobre os três meses anteriores será ruim, o que deve colaborar para

que o País registre um crescimento muito pequeno neste ano, ao redor de 0,5%.

Garcia ressalta que um melhor desempenho da economia interna em 2009 depende bastante da recuperação do

PIB global, o que não deve ocorrer enquanto o sistema financeiro norte-americano estiver cambaleante. O

presidente dos EUA, Barack Obama, afirmou à rede de televisão CBS que já há evidências de que a crise deve

perder força a partir de agora e que no final do ano o país poderá apresentar sinais de expansão. "Esse é um

cenário possível. Mas para que isso ocorra, é preciso que os bancos norte-americanos voltem a funcionar, com a

recuperação do crédito no mercado interbancário e sobretudo para as empresas e consumidores", destacou.

No caso do Brasil, o professor da PUC acredita que os efeitos do credit crunch podem ser mitigados por alguns

programas oficiais, como a construção de um milhão de residências até 2010, que pode envolver até R\$ 70

bilhões em investimentos segundo estimativa do ministro da Fazenda, Guido Mantega.

Garcia também acredita que a redução dos spreads das operações financeiras realizadas pelos bancos também

pode ajudar a melhorar o fluxo de crédito no mercado interno, o que ajudaria a recuperar o vigor da demanda.

"Os spreads no Brasil são inexplicavelmente altos e deveriam baixar", comentou Garcia.

Para o acadêmico, os bancos públicos teriam um papel importante para diminuir as taxas de juros cobradas das

companhias e consumidores, mas ele ressalta que a tarefa de tais instituições oficiais é difícil. Segundo ele, não

é tão simples assim para tais bancos reduzirem os spreads numa conjuntura marcada pelo desaquecimento da

economia e perspectiva de aumento da inadimplência. "O banco público é algo complicado: ao mesmo tempo

que deve servir para a realização de políticas públicas, ele tem ações cotadas em bolsas de valores. É meio

esquizofrênica a missão que essa instituição tem", comentou o professor da PUC-RJ. (Ricardo Leopoldo)